

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

Requalificação da Floresta Nacional de Ipanema: análise do projeto parcialmente executado de Paulo Mendes da Rocha

Júlio Cezar Macedo Rodrigues

Discente do 5º ano do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá

Gisela Barcellos de Souza

Arquiteta e Urbanista, Mestre em "Projet Architectural et Urbain" pela Université de Paris VIII, Professora Assistente da Universidade Estadual de Maringá.

Endereço: Estrada de Aparecidinha , km 2,5, - Retiro – Araçoiaba da Serra – São Paulo Cx. Postal 98 CEP: 18190-000 Fone: (15) 3281-1904 Fax: (15) 3281-1904 e-mail: julio_rodrigues6@hotmail.com e gisela.barcellosdesouza@gmail.com

Requalificação da Floresta Nacional de Ipanema: análise do projeto parcialmente executado de Paulo Mendes da Rocha

Resumo

No ano de 1976 o arquiteto Paulo Mendes da Rocha realizou um projeto que atendia as necessidades do Centro Nacional de Engenharia Agrícola (CENEA) e permitia um crescimento ordenado do mesmo, além de criar áreas e infra-estruturas que beneficiavam a preservação dos edifícios remanescentes da Real Fábrica de Ferro de Ipanema, existentes no local. Como somente parte do mesmo foi executado (em 1985), os edifícios ocorrem de maneira aleatória na paisagem, destituídos de qualquer articulação com as demais partes e artefatos constituintes deste lugar, entrando em um avançado estado de deterioração, necessitando não somente de uma requalificação que respeite as características internas e seu limite próximo, mas que mostre a relação dos mesmos com o restante. Outro aspecto se soma à questão são as mudanças administrativas que ocorreram no local, a extinção do CENEA em 1992 e a posterior ocupação da área pelo IBAMA, possibilitou o surgimento de novas necessidades e o desuso ou sub-utilização de determinados equipamentos e áreas. O artigo a seguir trás as análises formais e funcionais das edificações executadas e a descrição de todo o projeto de Mendes.

Palavras chaves: Requalificação, Floresta Nacional de Ipanema, Paulo Mendes da Rocha.

Abstract

In 1976 the architect Paulo Mendes da Rocha carried through a project that met the needs of the National Center of Agricultural Engineering (CENEA) that allowed an orderly growth of it, besides creating areas and infrastructures that benefited the preservation of the remaining buildings of the Real Manufacture of Iron of Ipanema that exist in the place. As only a part of it was carried through (in 1985), the buildings occurred in a random way in the landscape, they did not match any joint with the others parts and artifacts belongs of this place, getting into in an advanced state of deterioration, it needed not only another qualification that respect its own intern characteristics and the limits next to it, but also one that shows the relation of it with the remain environment. Other aspect that adds to it are the administrative changes that had occurred in the place, the extinguishing of CENEA in 1992 and the later occupation of the area by IBAMA, bringing new necessities and the disuse or sub-utilization of determined equipment and areas. The paper that follows shows the formal and functional analyze of the executed constructions and the description of all Mendes's project.

Keywords: National Forest of Ipanema; another qualification; Paulo Mendes da Rocha

Requalificação da Floresta Nacional de Ipanema: análise do projeto parcialmente executado de Paulo Mendes da Rocha

1. Introdução

O restabelecimento da relação com o passado a partir da revisão dos preceitos da Arquitetura Moderna e o crescente interesse cultural e econômico por conjuntos arquitetônicos e urbanos abandonados e/ou obsoletos – desconexos dos circuitos produtivos – tem possibilitado o aparecimento contemporâneo de um grande número de proposições de requalificações ou reciclagem destes.

Definidos como *Terrains Vagues*¹, estes locais – que são vagos, em parte, por estarem vazios, destituídos de atividades programadas, e, por outra, por serem imprecisos e indefinidos – vêm povoando o imaginário urbano desde a década de 1970, como demonstra Sola-Morales (2002) através da análise da produção fotográfica contemporânea. Trata-se de “lugares aparentemente esquecidos, onde parece predominar a memória do passado sobre o presente” (Solà-Morales, 2002, p.187). O debate sobre o caráter a ser explorado nestes locais, através de requalificações ou reciclagens, não é consensual. Este se baliza entre reintegrar estes tecidos urbanos à trama produtiva da cidade ou manter sua alusão ao vazio e à ausência. Seja qual for o tipo de intervenção, incorre-se sempre no risco de transformar este testemunho do passado em mais um parque temático, repetindo os mesmos mecanismos e dispositivos identificados por Sorkin (1992).

O presente trabalho aborda o projeto concebido por Paulo Mendes da Rocha para um lugar que poderia ser definido como um *terrain vague avant-la-lettre*. Trata-se do projeto, realizado em 1976, para a antiga Fazenda de Ipanema – atualmente nomeada Floresta Nacional de Ipanema –, território historicamente dotado de diversos significados, no qual se inscrevem duas vilas e as ruínas da Fábrica Real de Ipanema. O objetivo da encomenda recebida pelo arquiteto era o de transformar parte do território desta fazenda no Centro Nacional de Engenharia Agrícola (CENEA).

Apesar de o projeto jamais ter sido totalmente implantado, a análise deste, bem como dos dois únicos edifícios executados, nos permite especular sobre as relações que Paulo Mendes da Rocha estabelece com as ruínas da fábrica – em desuso desde a década de 1930 –, bem como com dos demais símbolos do lugar.

Postula-se que o arquiteto estabelece uma relação híbrida com este espaço da ausência – de atividades definidas – e da presença – de um passado inscrito. Sua intervenção poderia, para um olhar apressado e desatento, passar por uma típica postura modernista – e museológica – em relação aos ditos monumentos históricos. Entretanto, o presente artigo pretende desvelar sutis relações que o projeto estabelece com os distintos significados do lugar.

2. Um território constantemente reinterpretado.

¹ Ver a respeito Solà-Morales, 2002.

Localizado à sudoeste do Estado de São Paulo – entre os municípios de Iperó, Araçoiaba da Serra e Capela do Alto, próximos à cidade de Sorocaba –, o território correspondente à atual Floresta Nacional de Ipanema foi, historicamente, objeto de diferentes re-interpretações. Percebe-se, neste espaço, uma pujança de significados que se sobrepõem e o transformam em um lugar, tal qual este é definido pela antropologia, ou seja, identitário, relacional e histórico² (Augé, 1994).

A presença do Morro Araçoiaba é, sem dúvida, o aspecto que permite a percepção deste território como distinto na paisagem em que se insere. Localizado na porção oeste da Floresta Nacional de Ipanema, este morro surge na paisagem de maneira abrupta, comportando-se como marco vertical em uma topografia predominantemente plana. Sua forte presença na paisagem possibilita sua afirmação na memória coletiva, tornando-o uma referência visual não apenas para as cidades de seu entorno próximo – Araçoiaba da Serra, Capela do Alto e Iperó –, como também para outras mais longínquas – como Boituva, Sorocaba e Porto Feliz.

Esta geografia singular contribuiu para a criação de uma série de mitos e significados ao decorrer da história. O nome Araçoiaba lhe fora dado por índios que ocupavam a região e significa lugar onde o sol se esconde – ou o esconderijo do sol. O caminho indígena – chamado Peabirú – que ligava o oceano Atlântico ao Pacífico passava por esta localidade e tinha no morro Araçoiaba um de seus marcos.

Desde o século XIV existem registros históricos de ocupação desta região, contudo, foi a partir do final do século XVI, com a chegada dos bandeirantes liderados por Afonso Sardinha e Filho, que a mesma adquiriu interesse econômico. Nesta expedição descobriu-se a presença do minério de ferro no Morro Araçoiaba, engendrando, assim, o estabelecimento da primeira fundição de ferro da América do Sul – nomeada Real Fábrica de Ferro Ipanema, em 1810. Esta fábrica constituiu o único empreendimento siderúrgico brasileiro até a Primeira Guerra Mundial. Em seu conjunto arquitetônico heterogêneo e esparsos – construído por diferentes administradores, em distintas épocas – desenvolveram-se as atividades de siderurgia até meados de 1930. Como apoio a esta atividade e como sede para seus trabalhadores, surgiu, inicialmente, a Vila São João do Ipanema – no século XIX – e, posteriormente, a Vila Smith em 1930.

Com o final da siderurgia, este local permanece vago – em processo de esvaziamento e indefinido – por cerca de 40 anos, quando, em dezembro de 1975, se propõe que o local se configure como sede do Centro Nacional de Engenharia Agrícola (CENEA), um centro de difusão e experimentação do conhecimento agro-industrial. Para o estabelecimento deste centro de pesquisa e treinamento contou-se com um plano piloto realizado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha em 1976.

3. O Projeto para o Centro Nacional de Engenharia Agrícola.

² O lugar antropológico é identitário, pelo fato de seus habitantes se identificam com ele; relacional, por ser percebido como distinto em relação ao entorno e histórico por ser construído ao longo tempo (Augé, 1994).

Partindo de um programa de necessidades que visava à constituição de áreas de ensaios, testes e de edifícios administrativos e à ampliação das moradias funcionais e sua complementação com um pequeno clube e uma creche, Paulo Mendes da Rocha faz uma leitura do local que revela sua importância histórica e suas peculiaridades. Esta leitura norteou o desenvolvimento de um trabalho amplo que contou com a participação do paisagista Roberto Burle Marx.

Publicada na revista CJ Arquitetura nº 19, de 1978, a implantação geral deste projeto permite observar sua estruturação em porções distintas e de contornos precisos. Percebe-se a preocupação em demarcar, de maneira nítida, as diferentes funções ali existentes. A publicação apresenta a nova estruturação proposta como garantia de:

“(...) uma nova organização do entorno paisagístico daqueles monumentos, que possa restaurar sua primitiva escala de implantação e situar as novas edificações de maneira que suas ampliações futuras, presumíveis, não voltem a perturbar necessariamente aquelas áreas, adaptando também o sistema viário geral interno para se obter a melhor eficiência e vantagens visuais”.

Desta forma, o projeto de estrutura a partir da definição de cinco áreas: área histórica e cultural; área intermediária (de apoio e comércio); área habitacional e clube; laboratórios e oficinas e, por último, administração e ensino.

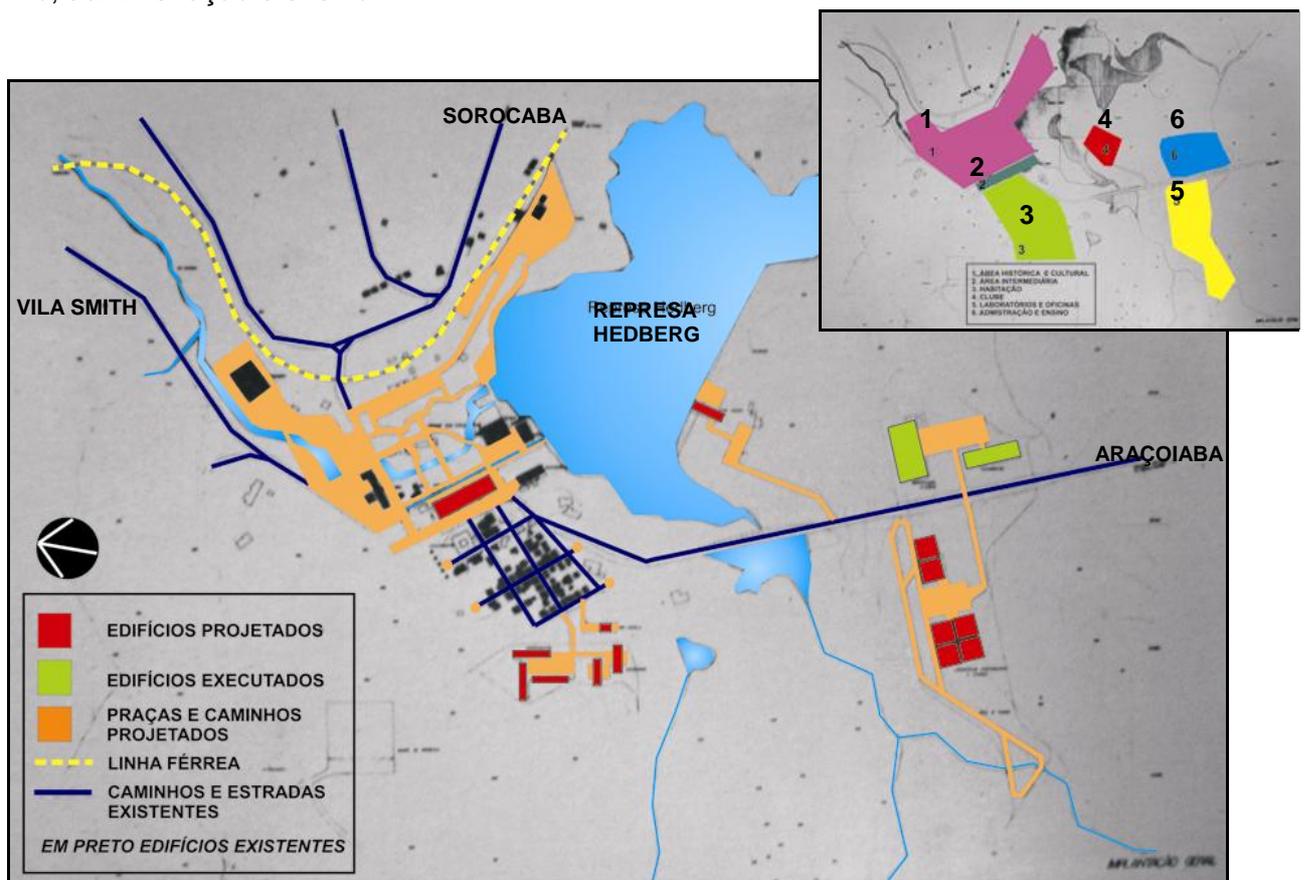


Figura 1: Implantação geral do projeto de Paulo Mendes da Rocha para o CENEA. Figura 2: Mapa esquemático da setorização existente no projeto; 1- Área Histórica e Cultural (Remanescente Fabrica de Ferro) 2- Área intermediária – apoio e comércio 3- Área habitacional (Vila São João de Ipanema) 4 – clube 5 - Laboratórios e Oficinas 6- Administração e Ensino (Mapa base das figuras: Revista CJ Arquitetura nº19)

A Área Histórica e Cultural aparece composta por oito edificações da Antiga Fábrica de Ferro: Casa da Armas Brancas, do Refino, de Modelação, a Residência do Administrador, os edifícios administrativos, os depósitos e as oficinas que abrigavam os altos fornos. Segundo a descrição do projeto de Paulo Mendes, cada edifício receberia um uso compatível e capaz de valorizar todo o conjunto. Relacionar-se-ia com atividades culturais e científicas como exposições, feiras de produtos e projetos ou pesquisas ligadas ao desenvolvimento agro-industrial no país.

Como uma forma de complemento a este local, o arquiteto idealiza a criação de um parque que envolveria a todas estas construções. Os acessos e vias de circulação existentes seriam remanejados, evitando a entrada de veículos na área e permitindo a livre passagem dos pedestres.

Em nenhum momento do texto da referida publicação são definidas as atividades para cada edificação: inclusive, afirma-se que seria necessário um estudo mais amplo sobre esta questão. O arquiteto sugere apenas que o *Museu do Ferro* seja feito na casa das Armas Brancas, em função de seu caráter monumental.

Esta parte Histórica e Cultural do projeto jamais foi executada, atualmente as edificações concernentes ainda mantêm as mesmas características de décadas atrás. Os edifícios continuam desocupados, vazios, sem nenhum tipo de uso, a circulação de veículos permanece desordenada dificultando a leitura do conjunto por parte dos visitantes.

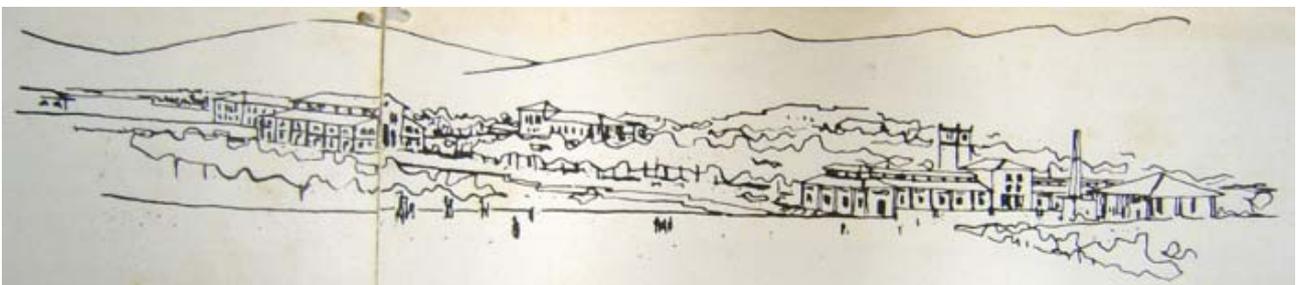


Figura 03: Croqui da área histórica e cultural, autor Paulo Mendes da Rocha.
Fonte: Revista *CJ Arquitetura*. 1978, n°19, pp 69.

Proposta como uma Área Intermediária entre a Histórica e Cultural e a Habitacional, concentram-se os serviços de apoio e de comércio. Esta porção é projetada de forma a reforçar os limites já existentes entre o parque proposto e a Vila São João do Ipanema – configurado pela presença do canal e de pontes. As atividades de apoio e de comércio surgem no pavimento inferior de uma edificação linear, que articula o desnível existente neste local sob uma laje plana e um vão livre que se abre visualmente para o entorno.

No corte esquemático abaixo se pode observar as características acima descritas, bem como sua relação com parte da ocupação existente na porção histórica cultural. Assim como esta última, a área intermediária também não foi executada.

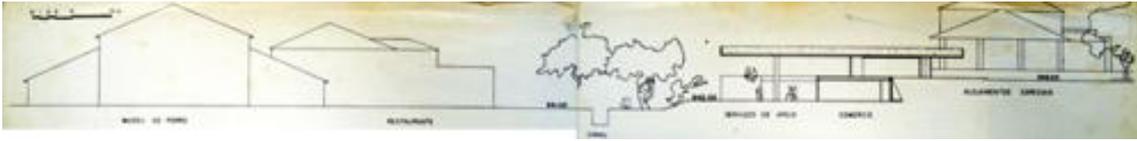


Figura 04: Croqui da área intermediária, autor Paulo Mendes da Rocha.
 Fonte: Revista *CJ Arquitetura*. 1978, nº19, pp 71.

Na década de 1970 o número de funcionários que trabalhavam junto a centros de pesquisas agrícolas era grande e tendia a crescer, desta forma, era necessária a ampliação das áreas voltadas à habitação e sua complementação através de uma creche e um espaço de lazer reservado aos trabalhadores locais.

Constituindo a Área Habitacional e de Lazer, Paulo Mendes prolonga uma das ruas da Vila São João, criando um novo grupo de moradias interligadas por uma pequena praça conformada por cinco edificações – três sob pilotis e duas térreas. O arquiteto utiliza-se da creche como forma de articular – e distinguir – a ampliação e a Vila São João do Ipanema, permitindo seu acesso fácil para todos os moradores.

Junto à represa existente no local, o clube é locado – com bar, restaurante e sala de jogos, quadras esportivas e piscina –, conformando um edifício linear que atenderia tanto às necessidades recreativas dos moradores quanto dos visitantes.

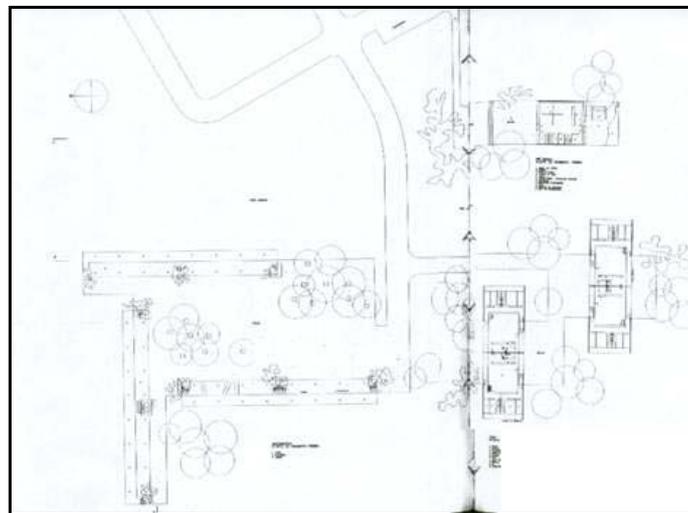


Figura 05: Implantação da área habitacional, autor Paulo Mendes da Rocha.
 Fonte: Revista *CJ Arquitetura*. 1978, nº19, pp 71.

Os Laboratórios e Oficinas materializam atividades diretamente vinculadas ao funcionamento previsto para o CENEA. Nesta época, este centro desempenhava uma série de experimentos relacionados à produção agrícola – ensaios e testes com defensivos agrícolas – e ministrava

aulas para operadores de máquinas agrícolas – como tratores e até mesmo aviões pulverizadores de veneno.

O projeto do arquiteto Paulo Mendes atende a estas necessidades, criando um grupo de edifícios relativamente distante dos demais. Seis destas construções estão do lado direito da estrada de acesso à Vila São João sentido Araçoiaba, junto ao sopé do Morro Araçoiaba e são conformadas por lajes planas sob as quais se abrigam os compartimentos do programa – as oficinas, os depósitos, almoxarifados e outros. Uma praça articula as diferentes edificações e também permite o acesso a pista de testes.

Assim como os demais já mencionados, os projetos destes edifícios não saíram do papel, contudo, o serviço de terraplanagem no local chegou a ser efetuado.

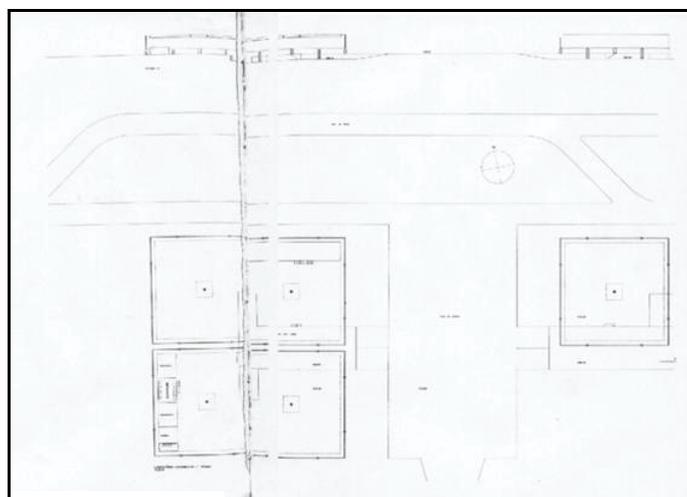


Figura 06: Implantação dos laboratórios e oficinas, autor Paulo Mendes da Rocha.
Fonte: Revista *CJ Arquitetura*. 1978, nº19, pp 72.

A área relativa à Administração e Ensino foi implantada em frente à área anteriormente mencionada, o lado oposto da estrada – como pode ser visto na foto da maquete abaixo. Constituindo-se de dois edifícios implantados em torno de uma praça um deles conformaria um alojamento – destinado a estudantes, operadores de máquinas, mecânicos e outros – e o outro, receberia as atividades administrativas, contendo também, salas de aula, biblioteca, auditório, laboratórios e um pequeno restaurante.



Figura 07: Foto maquete do projeto.
Fonte: Revista CJ Arquitetura n° 19.

As construções dos edifícios foram iniciadas em 1985, ou seja, dez anos após o seu projeto. Contudo, foram executados num prazo de um ano, segundo o topógrafo³ que fez a locação dos mesmos e ainda hoje trabalha no local. O funcionário também afirma que o concreto, já chegava pronto no canteiro de obras, porém com atrasos, afinal as estradas de acesso, por serem de terra, dificultavam, principalmente em dias de chuva, a chegada dos caminhões.

A obra resultou em 9.995,25 m² de área construída, sendo 3.564,00 m² do alojamento e 6.431,25 m² do edifício administrativo. A tecnologia do concreto armada está presente nos edifícios, permanecendo aparente em todos os momentos. Além de manter as marcas das formas – pequenos frisos geralmente no sentido horizontal –, os edifícios possuem a tubulação elétrica e hidráulica aparente.

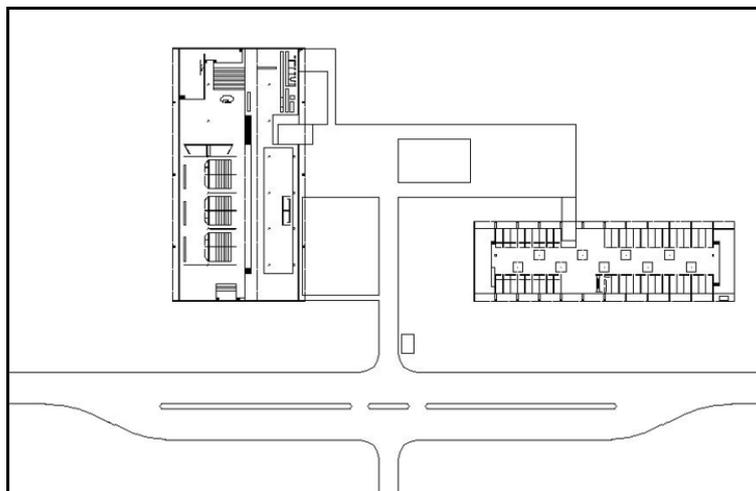


Figura 08: Implantação
Fonte: Acervo da Flona Ipanema.

³ Entrevista concedida por José Lara, topógrafo, antigo funcionário do CENEA e atualmente do IBAMA, no dia 30 de março de 2007

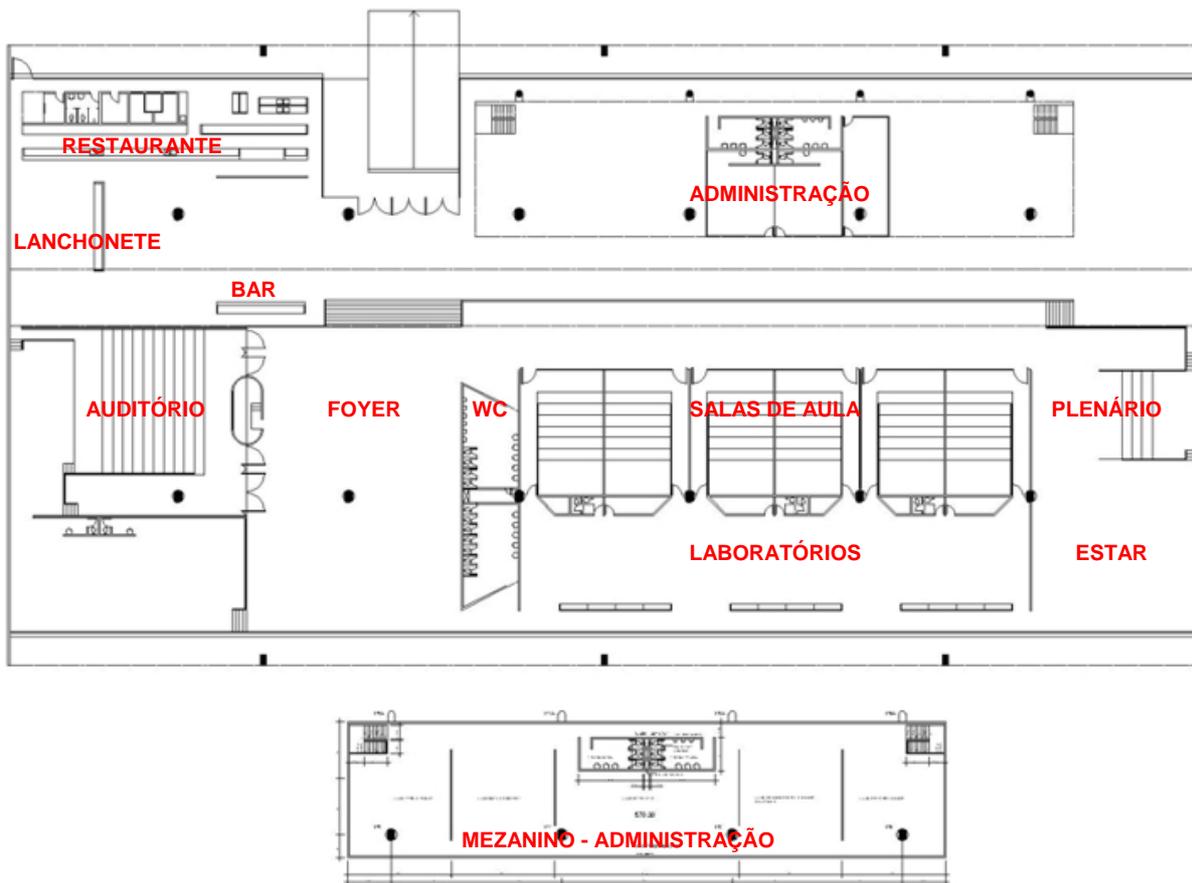


Figura 09: Planta baixa - Edifício administrativo.
 Fonte: Acervo da Flona Ipanema.

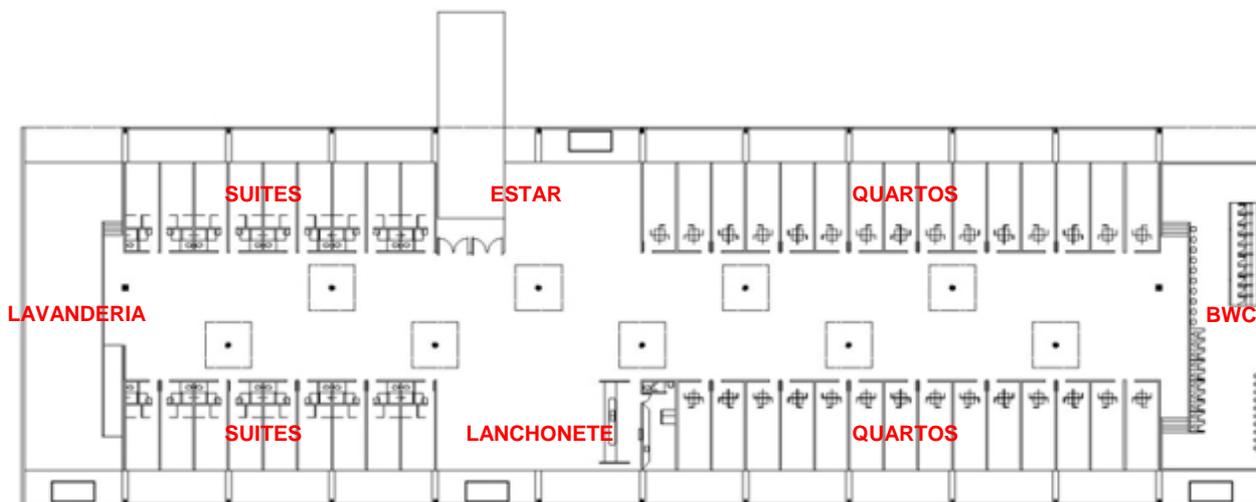


Figura 10: Planta baixa - Alojamento
 Fonte: Acervo da Flona Ipanema.

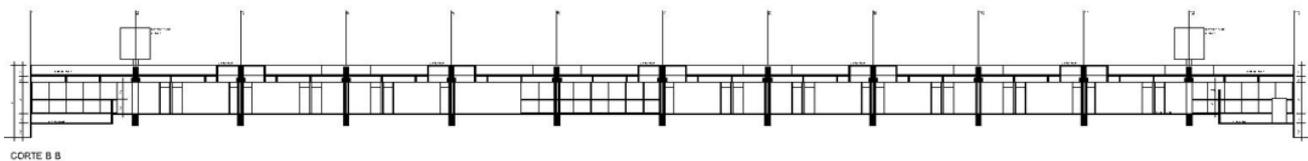


Figura 11: Corte longitudinal - Alojamento
 Fonte: Revista CJ Arquitetura no19.



Figura 12: Foto canteiro de obras, digitalizada pelo autor em 29 de março de 2007.
Fonte: Acervo da Flona Ipanema.

As obras foram inauguradas em meados de 1986, contando com a presença de funcionários e representantes do governo. A partir deste momento, vários cursos foram realizados no local que também sediava encontros, congressos e feiras de exposições de material agrícola, polarizando grande parte das atividades do CENEA.

4. Face ao passado: entre a forma do vazio e o monumento/museu protegido

Percebe-se, diante do exposto, que Paulo Mendes da Rocha assume, em sua implantação, uma postura híbrida em relação ao passado. O empenho em distinguir e individualizar porções no território e a estas associar atividades específicas, certamente poderia ser visto como uma continuidade com o Projeto Moderno. Entretanto, em uma análise um pouco mais aprofundada desvelam-se questões pertinentes à sua crítica.

De modo geral, pode-se afirmar que, apesar de distinguir cinco áreas específicas, o projeto organiza-se a partir de dois conjuntos edificados. O primeiro deles, contíguo às ruínas da Fábrica de Ferro e à Vila São João de Ipanema, é o que analisaremos neste capítulo, o segundo, distante do primeiro e vinculado às atividades funcionais do CENEA, será abordado no próximo capítulo.

Na porção que concentra as áreas histórico-cultural, habitacional e intermediária, torna-se nítida – além da clara intenção de separar a área de interesse aos visitantes do domínio dos moradores – a diferença no tratamento dos diferentes testemunhos do passado nela presentes. Enquanto a Vila São João do Ipanema – conjunto edificado ao longo do século XIX – é tratada como uma área funcional, cujos aspectos históricos recebem pouco destaque, e restrita a seus moradores, as ruínas da Fábrica de Ferro são tratadas como monumentos envoltos em um parque, que abrigariam, cada um, um museu distinto.

A um primeiro olhar, esta atitude poderia ser interpretada como uma simples ressonância da postura modernista de destaque aos monumentos e sua reutilização através de museus. Entretanto, o projeto de Paulo Mendes da Rocha não é concebido em oposição a estes

monumentos. Ao contrário do Movimento Moderno que concebia “cidade [como] um artefato novo onde, no entorno da nova arquitetura, eficaz e tecnicada, [poderiam] permanecer, descontextualizadas, as relíquias dos chamados monumentos” (Solà-Morales, 2002, p.101), os edifícios novos propostos pelo arquiteto reafirmam a estrutura existente e inserem-se discretamente nesta.

Paulo Mendes da Rocha mantém o vazio entre as edificações dispersas da Fábrica de Ferro que sempre caracterizou este espaço. O parque proposto não articula estas edificações em um todo funcional, pelo contrário, reafirma-as como espaço da ausência, do vago, do indefinido. Significativamente, o arquiteto não propõe um novo uso para cada uma destas edificações, adia no tempo a decisão sobre o paradeiro deste *terrain vague avant-la-lettre*.

Paralelamente, propõe a separação deste espaço da Vila São João de Ipanema através de uma edificação que é, em detrimento dos usos que lhe são propostos, uma plataforma para o olhar.

A utilização do vazio é recorrente na estruturação do projeto. Como espécies de hiatos, o arquiteto aplica esses para distinguir as novas edificações do antigo tecido. Tal fato é perceptível na ampliação da área habitacional e na implantação do clube.

5. Rearticulação com o sítio: edificações junto ao sopé do Morro Araçoiaba

O vazio, no entanto, transforma-se em distanciamento e isolamento quando se observa a implantação das atividades produtivas do CENEA do outro lado da represa. Afirma-se desta forma a autonomia desta implantação. Se o isolamento pode ser justificado pelos ensaios com pesticidas e defensivos ali praticados, a sua localização porém não parece casual.

Paulo Mendes da Rocha implanta o conjunto de edificações que comportam as atividades produtivas do CENEA junto ao sopé do Morro Araçoiaba justamente frente a sua encosta mais íngreme – que concentra uma série de mirantes aos quais se referem relatos históricos.

Tal implantação não parece ser fruto do acaso, através desta, esta topografia singular articula-se com todo o território em que se insere o CENEA. A análise pormenorizada dos dois únicos edifícios executados – o administrativo e o alojamento – permite-nos especular outras relações possíveis.

Perpendiculares entre si, o edifício do alojamento e o administrativo comunicam-se com uma rua de acesso e articulam-se através de uma praça. Seus acessos são bem marcados, definidos por reentrâncias que se contrapõem aos planos retilíneos das fachadas.

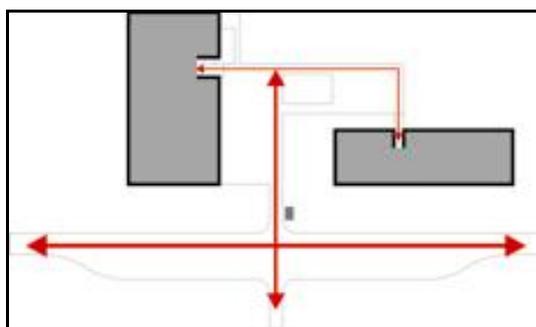


Figura 13: Esquema acesso e perímetro das edificações. Fonte: Arquivo autor

O projeto do edifício de alojamento é constituído por 18 suítes, 28 quartos, uma lavanderia, um banheiro comum e um bar-lanchonete, além das áreas de convivência, tendo capacidade para abrigar 138 pessoas. O mesmo é conformado por uma laje plana que, somada às duas paredes de concreto armado e aos dois planos – de vidro e esquadrias de madeira – resulta num edifício longitudinal.

A estrutura é evidenciada em todos os momentos: tanto na fachada, quanto na área interna, onde possui uma composição diferenciada. A mesma possui uma modulação de 9 m no sentido longitudinal por 14 m e 5 m no sentido transversal. Os pilares na porção central do edifício são posicionados de maneira alternada, sendo evidenciados também pela presença de clarabóias que se fixam sobre a conexão dos mesmos com as vigas, permitindo a passagem de luz natural.

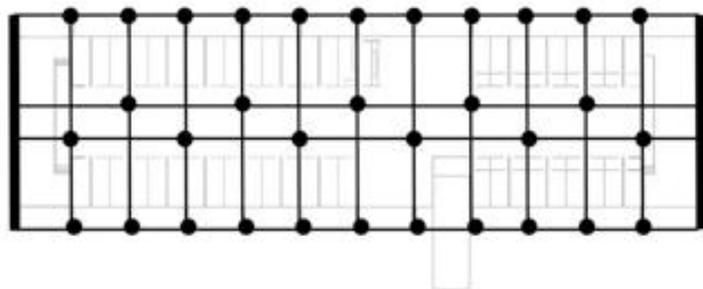


Figura 14: Esquema do posicionamento dos pilares. Figura 15: Vista circulação horizontal, alojamento. Fontes: Arquivo autor

A circulação no edifício é solucionada através de duas “ruas internas”: uma – transversal ao edifício – que permite o acesso externo para a área interna e outra, perpendicular a anterior, que organiza a disposição dos quartos ao longo de toda a extensão do edifício.

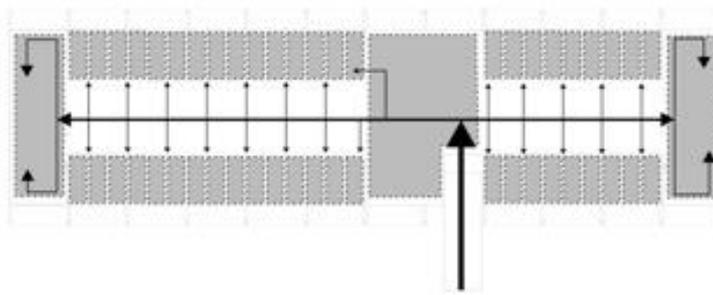


Figura 16: Esquema da circulação no edifício. Fonte: Arquivo autor

Tanto na solução estrutural quanto no esquema de circulação é possível observar como o edifício se desenvolve destacando as áreas de convivência, trazendo a metáfora do contexto urbano para seus elementos.

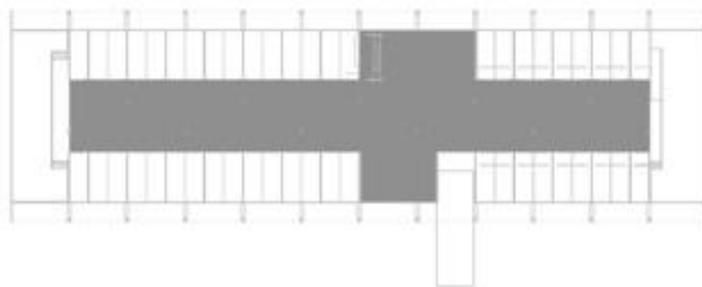


Figura 17: Esquema tema base (em branco) e tema destaque (em cinza) da obra.
 Figura 18: Saguão e acesso do alojamento. Fontes: Arquivo autor

O saguão, além de receber a circulação externa, adquire a função de centralidade ao distribuir os fluxos, permitindo o surgimento de um lugar semelhante às praças. Na foto anterior é possível observar como o mesmo se desenvolve, promovendo o encontro dos indivíduos.

A idéia de rua é buscada na circulação horizontal. Ali os pilares alternados, destacados pela iluminação zenital, permitem ao indivíduo uma analogia com as árvores existentes nos logradouros públicos, somando-se com uma largura significativa (11m) para a criação de um lugar de estar e de encontro. No corte DD a semelhança com a rua torna-se evidente.

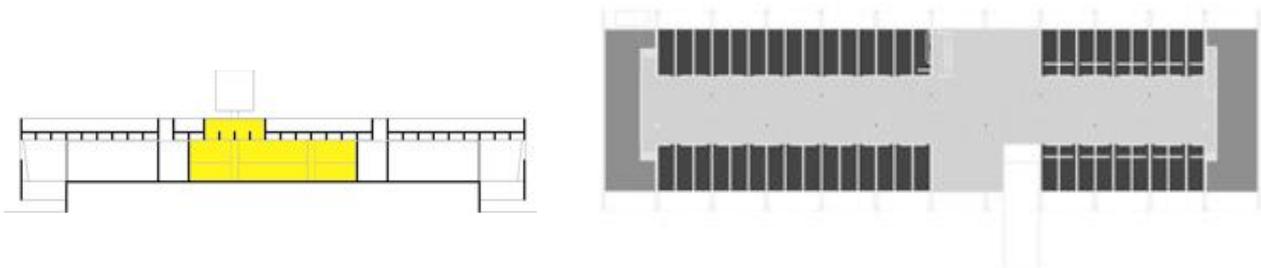


Figura 19: Corte esquemático DD evidenciando a circulação. Figura 20: Esquema da compartimentação do edifício – quanto mais escuro o tom de cinza, mais compartimentado. Fonte: Arquivo autor

O grau de compartimentação evidenciando a transição do espaço “fechado” (cinza escuro) para o “aberto” (branco) também demonstra esta relação do projeto com o vocabulário urbano. Os quartos possuem paredes divisórias de alvenaria pintada de branco, que vão do chão ao teto, criando uma área mais restrita dentro da própria edificação, como se a mesma fosse um “pequeno loteamento” com corredores funcionando como ruas (área pública) e os quartos como lotes ou casas (área privada).

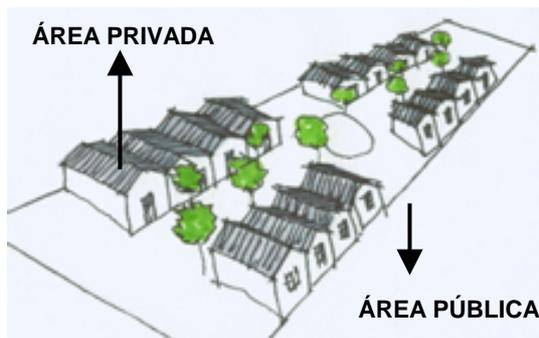


Figura 21: Croqui relação do edifício com a urbe. Fonte: Arquivo autor

À medida que se percorre o edifício do alojamento é possível verificar a forma como o arquiteto trabalha os níveis, destacando ambientes específicos, como o banheiro comum e a lavanderia, permitindo certa setorização sem perder a idéia de continuidade visual.

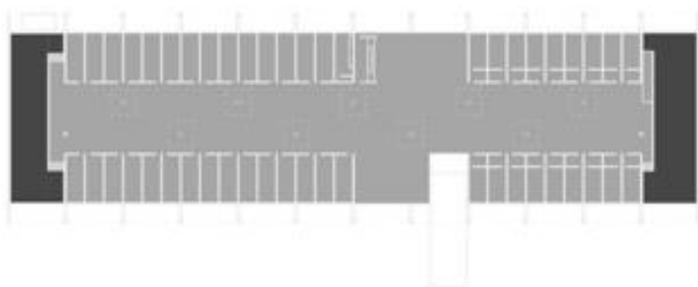


Figura 22: Esquema dos níveis existentes no edifício – em cinza escuro o nível inferior e em cinza claro o superior. Figura 23: Foto lavanderia. Fonte Arquivo Autor

As fotos anterior do banheiro comum, mostra um plano de alvenaria também pintado de branco não tocando a laje, permitindo ao observador a percepção da continuidade da cobertura – a idéia do grande abrigo – e mantendo a privacidade requerida no ambiente.

A continuidade visual mantida dentro do edifício, também ocorre quando o mesmo se relaciona com a área externa, mesmo no caso do banheiro. No desenho a seguir é possível observar que a esquadria que separa a área interna da externa recebe na porção mais elevada vidro transparente, sendo que na faixa mais baixa este material é substituído pelo vidro jatiado.

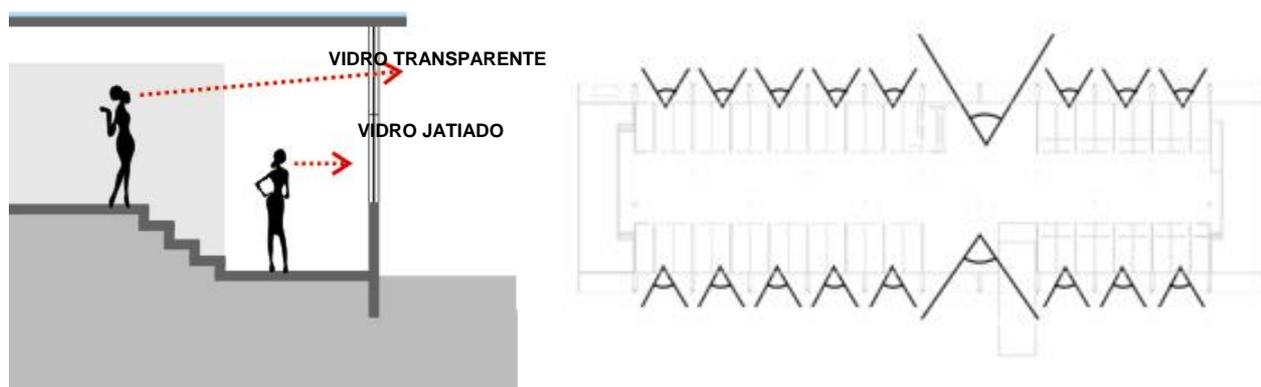


Figura 24: Seção da esquadria do banheiro comum Figura 25: Esquema das visuais a partir do edifício.
Arquivo autor

O projeto do edifício administrativo está localizado a 70m do alojamento, interligando-se com o mesmo, através de um espaço aberto nomeado praça. Por agrupar as funções administrativas e de ensino do CENEA, o mesmo é composto por: um auditório com capacidade para 150 pessoas; cinco salas de aulas com seus respectivos laboratórios, banheiros e depósitos; um restaurante com acesso independente de serviço e área de estar com bar e café; uma pequena biblioteca; um plenário; além de um mezanino que atende às necessidades administrativas - tanto a porção superior, quanto a inferior são definidas por divisórias em madeira ou vidro, diferentes das encontradas atualmente no local.

Assim como no alojamento, o edifício é composto por quatro planos, que se somam à cobertura, resultando em um edifício horizontal. Sua estrutura é composta por uma trama com modulação de 15m por 15m que sofre uma alteração no sentido transversal, quando a porção central adquire um vão de 25m. Esta modulação também sofre algumas alterações regulares a cada dois módulos, quando à modulação corrente é sobreposta por uma outra trama de pilares – junto à fachada do edifício – num espaçamento longitudinal de 30m. O mezanino é apoiado em quatro pilares que suportam a cobertura e fazem parte da modulação descrita anteriormente, dividindo os esforços com mais quatro pilares que não vão até o teto, como pode ser observado nas imagens a seguir:

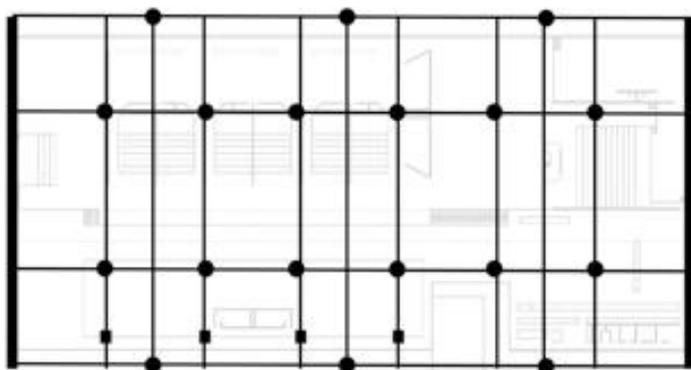


Figura 26: Esquema do posicionamento dos pilares. Figuras 27 e 28: Pilares do mezanino e foyer do auditório respectivamente

Os pilares neste projeto possuem uma seção circular, da qual uma parte seria destinada às necessidades de transmissão de esforços e, a outra, funcionaria como uma casca que conteria as tubulações relacionadas às águas pluviais – observa-se, na foto do Foyer que este detalhe do pilar não foi totalmente executado.

O edifício possui um acesso bem demarcado, em função da reentrância que ocorre no plano de vidro, abrigando uma rampa e algumas portas. A entrada de serviços do restaurante é limitada a alguns funcionários, além, de possuir uma locação discreta, ficando imperceptível se comparada com a anterior.

As diferentes funções existentes dentro do edifício podem ser acessadas por um eixo principal, que não somente concentra os fluxos, mas também funciona como uma espécie de rua, delimitando as ocupações e permitindo o acesso a caminhos secundários ou terciários.

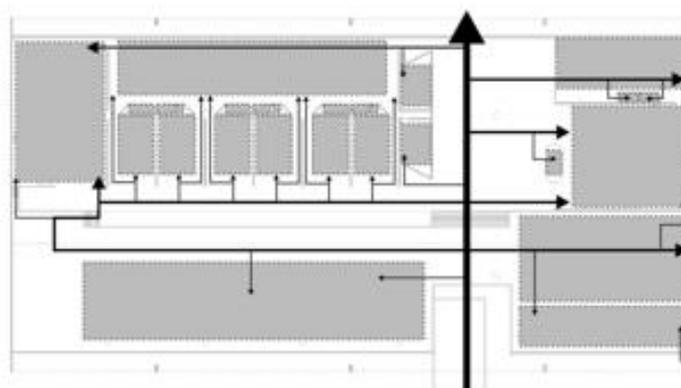


Figura 29: Esquema da circulação no edifício. Fonte: Arquivo autor

A metáfora do contexto urbano, presente no alojamento, manifesta-se mais uma vez neste projeto. Quando se percorre o edifício, apesar da continuidade visual é possível observar os limites dos ambientes, das funções ali desenvolvidas evidenciando assim, o abrigo de uma pequena “cidade” por uma única laje. O croqui a seguir retrata esta questão destacando as atividades ali realizadas na forma de edifícios.

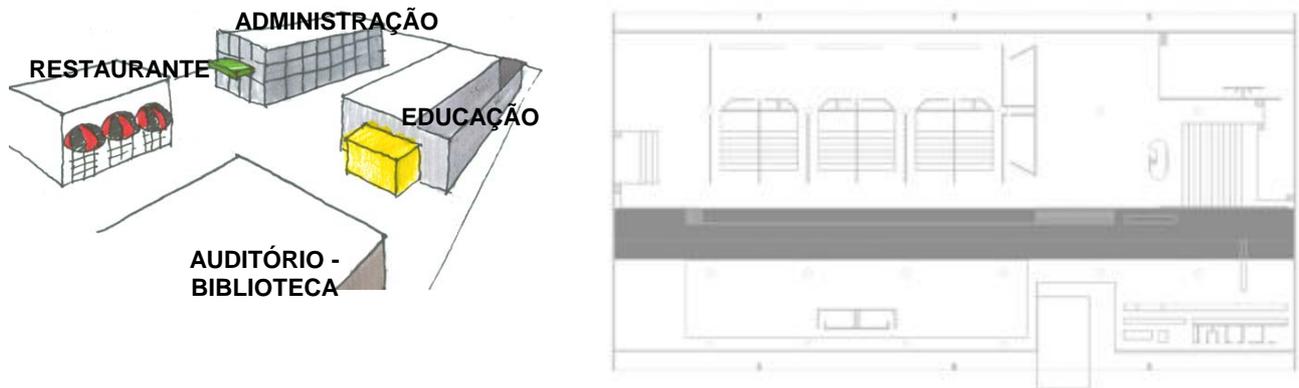


Figura 30: Croqui esquemático da ideia de urbe relacionada ao edifício. Figura 31: Esquema tema base (em branco) e destaque (em cinza) da obra. Fonte: Arquivo autor

A circulação interna, no sentido longitudinal, privilegiada pela presença de uma grande clarabóia assume um papel de destaque no projeto. A entrada de luz natural no ambiente neste único ponto materializa a vontade do arquiteto de beneficiar as áreas comuns, de promover o encontro entre os indivíduos.

Paulo Mendes da Rocha, ao solucionar as questões projetuais do edifício e seu programa de necessidades amplo, privilegia a continuidade visual dos ambientes. Somente nas áreas que necessitavam de certa compartimentação, em função de condicionantes acústicos ou relacionados à higiene, foram delimitadas com paredes de alvenaria pintadas de branco. No esquema a seguir é possível observar as salas de aula, o auditório e os banheiros conformados por planos que se contrapõem os ambientes semi-abertos ou totalmente abertos.

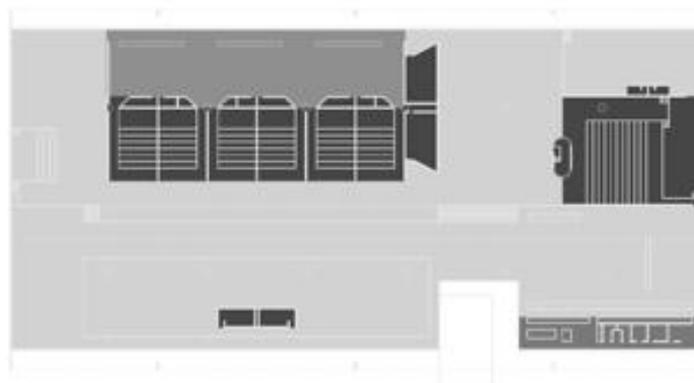


Figura 32: Esquema da compartimentação do edifício – máximo de compartimentação em cinza escuro e mínimo em cinza claro. Fonte: Arquivo autor

Em muitos momentos, para delimitar determinadas atividades, Paulo Mendes cria desníveis como, por exemplo, o da biblioteca, salvaguardando as visuais, sem o detrimento da distinção entre cada atividade. Este mesmo recurso é, no entanto, também utilizado para integrar funções. As salas de aula mantêm um vínculo com os laboratórios através de uma passarela, como pode ser observado na imagem a seguir, além do auditório que permite um acesso direto ao palco.

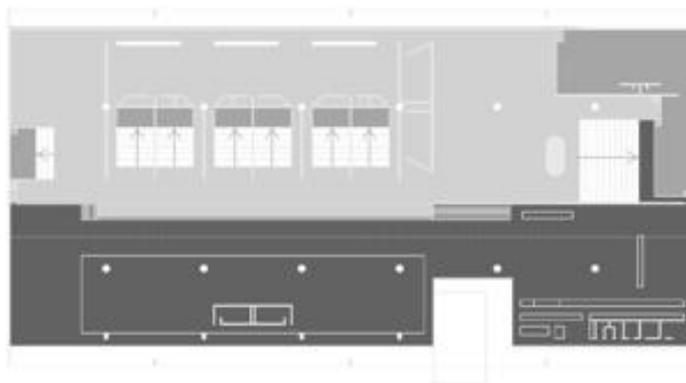


Figura 33: Esquema dos níveis existentes no edifício – em cinza escuro os níveis inferiores e em cinza claro os superiores, os espaços de anfiteatros estão destacados em branco. Fonte: Arquivo autor

Dois planos de vidro fazem o fechamento do edifício nas faces norte e sul permitindo uma visualização total e constante das áreas verdes existentes no entorno, além de permitir a entrada de luz natural. A solução dada pelo arquiteto ao desenho e ao detalhamento deste fechamento em vidro, somada ao prolongamento do mesmo no sentido longitudinal, favorece a ventilação no ambiente, como pode ser observado na foto abaixo.

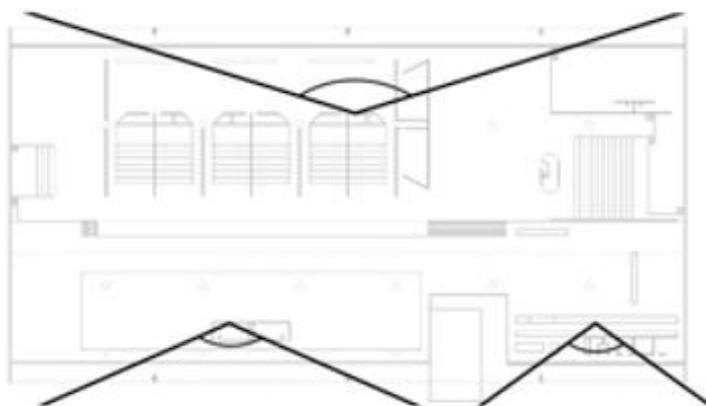


Figura 34: Foto fechamento em vidro. Figura 35: – Esquema das visuais (ampliadas) do edifício. Fonte: Arquivo autor

A referência à metáfora urbana certamente não é, certamente, uma prerrogativa deste projeto de Paulo Mendes da Rocha. Entretanto, o espaço produtivo do CENEA constituído como um conjunto de metáforas urbanas distantes e autônomas em relação a qualquer uma das aldeias existentes na antiga Fazenda não deixa de fazer menção a estas. Através do conjunto de edifícios que abrigam o espaço produtivo deste centro junto ao sopé do Morro Araçoiaba, o arquiteto compõe um núcleo a mais neste território que, tal qual a Vila São João do Ipanema ao outro lado da represa, dispõe de praças e ruas e tem sua fundação vinculada à viabilização de atividades produtivas.

5. Estado atual: o abandono de um projeto inacabado.

No ano de 1992 o CENEA foi extinto e parte da antiga Fazenda de Ipanema foi repassada para o IBAMA. A presença de mais de 25% do total de reserva de Mata Atlântica do Estado de São Paulo possibilitou a sua transformação em área de preservação ambiental, denominada atualmente por Floresta Nacional de Ipanema.

As duas únicas edificações executadas do projeto do Paulo Mendes da Rocha serviram por apenas seis anos para o desenvolvimento das atividades do centro ao qual se destinavam. Ao transformar-se em reserva florestal, a possibilidade de implantação integral do projeto publicado em 1976 esmaeceu por completo.

Durante o período de levantamento de dados e visitas à obra, foi possível observar que os dois únicos testemunhos arquitetônicos do que fora um dia um projeto maior para o CENEA foram edificadas com certo rigor às especificações. Esquadrias, luminárias, móveis – até mesmo toalheiros – foram feitos ou locados de acordo com o projeto.

Algumas modificações, no entanto, refletem esta necessidade de adaptação das edificações a seus novos usos, a passagem do tempo e a nova ocupação. Dentre essas, encontram-se desde as mais efêmeras – tal como a divisão do banheiro comum do Alojamento em dois compartimentos, um feminino e outro masculino – às que comprometem atributos espaciais do projeto.

Divisórias foram colocadas entre o saguão principal e a circulação horizontal, retirando a continuidade visual existente no projeto. O restaurante, antes locado no edifício administrativo, foi remanejado para o bar/lanchonete do alojamento que foi ampliado com a retirada do dormitório adjacente.

Apesar das alterações citadas, programações realizadas no local e vinculadas às instituições de ensino da região, garantem ao edifício de alojamento a manutenção de grande parte das práticas para as quais foi projetado. Vários alunos, pesquisadores – e mesmo turistas –, com as devidas autorizações, pernoitam e fazem suas refeições ali.

No edifício administrativo o grau de alteração e comprometimento do previsto no projeto original fora, no entanto maior. O mezanino é ocupado pela administração do IBAMA, ganhando divisórias diferentes das especificadas pelo arquiteto. As salas de aula e o auditório passaram a ser usados apenas ocasionalmente, em eventos como palestras e congressos de instituições de ensino da região.

Tanto a cozinha quanto o plenário e a sala de estar são atualmente usados como áreas de depósito, assim como parte da grande circulação central. Tendo em vista que uma das atividades do IBAMA é a apreensão e guarda provisória de material ilegal, é comum encontrar grande quantidade de madeira no interior da construção. Tal atividade – dissonante da metáfora urbana idealizada – soma-se à utilização do interior do edifício com estacionamento de veículos funcionais.

Ao logo do levantamento de dados não foi possível descobrir se a biblioteca chegou a funcionar por um período curto no tempo, a mesma está atualmente abandonada. Alguns livros permanecem dispostos em estantes empoeiradas sem sinal de manutenção ou uso. Assim como os demais ambientes, a mesma recebe divisórias que vão até a cobertura, desconfigurando a idéia de amplitude presente em todo o projeto.

A laje plana alagada funcionou como tal, até certo momento, quando – por motivos ainda não esclarecidos – as bombas que permitiam a circulação da água foram retiradas. Atualmente a mesma representa um grande risco para o edifício. Infiltrações, trincas e outras patologias se fazem presentes em toda a sua extensão.



Figura 36: Foto da circulação ocupada por lotes de madeira e veículos funcionais. Figura 37: Fotomontagem da laje do edifício administrativo. Fonte: Arquivo autor

O anteprojeto paisagístico de Roberto Burle Marx desenvolvido para o local, no ano de 1976, não fora jamais executado enquanto os edifícios permaneceram sobre o regime do CENEA. Curiosamente, em 1992, alguns funcionários, em posse destes desenhos, plantam algumas mudas de espécies encontradas em suas estufas nos pontos indicados pelo projeto. Configura-se, desta forma, o plano de massas previsto para a praça local, mesmo diante da ausência de especificações sobre suas espécies. Atualmente é possível observar algumas árvores e palmáceas

de médio e pequeno porte, dispostas de maneira retilínea e regular, condizentes com este projeto, nas proximidades dos edifícios.

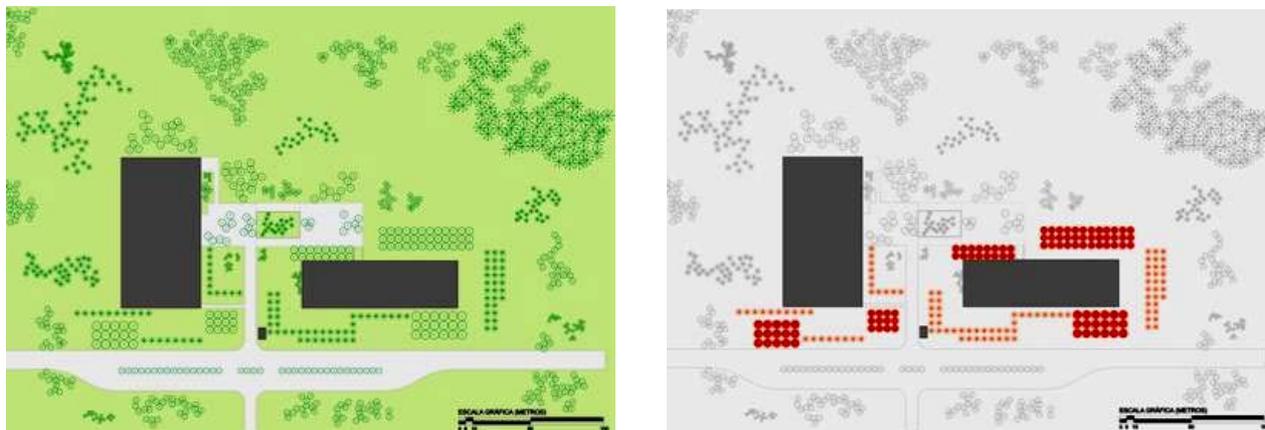


Figura 34: Ante projeto realizado por Roberto Burle Marx para a área administrativa, no ano de 1976. Figura 35: Em vermelho a vegetação encontrada atualmente, proveniente da execução do ante projeto no ano de 1992. Fonte: Acervo da Flona Ipanema – Digitalizado pelo autor

7. Considerações finais

Face ao exposto neste artigo percebe-se que o projeto de Paulo Mendes da Rocha estabelece uma relação híbrida frente ao passado que encontra inscrito nas edificações e no sítio da antiga Fazenda de Ipanema. Ao mesmo tempo em que decompõem as funções do programa do CENEA em diferentes porções no território e distingue os monumentos – dignos de se tornarem museus – do restante do tecido urbano do século XIX, insere-se de forma discreta no local e rearticula seus diferentes símbolos.

O arquiteto articula as diferentes funções em dois grandes grupos, um junto ao núcleo histórico e outro junto à base da íngreme encosta do Morro Araçoiaba. No primeiro, localiza os edifícios com pequenas incisões, hiatos que permitem a distinção entre o novo e o antigo e abrem o olhar para este último. Já no segundo, através da localização do conjunto de edifícios produtivos do CENEA rearticula o sítio singular – que permitiu a ocupação e a sobreposição de diferentes significados ao longo da história – à nova atividade estabelecida no lugar. Mendes da Rocha compõe estes edifícios como um novo povoado autônomo. Assim como na Fábrica de Ipanema, no núcleo do CENEA o espaço produtivo antecede o da vila residencial.

A proposição e o esmaecimento das atividades do CENEA neste local se sobrepõem à série de símbolos deste local. Trata-se de mais uma camada de significado que se deposita sobre ele. De cada interpretação que lhe foi dada, este palimpsesto guarda um pouco do texto que lhe foi acrescido e novamente raspado. Isto é o que permite compreender a recuperação voluntária, por parte de funcionários do IBAMA, do anteprojeto de Burle Marx para a sede do CENEA no momento em que este se extinguiu.

Entre uma nova interpretação e outra, o que persiste neste lugar é o vago – o vazio e o indeterminado –, que coexiste com a pujança de seus significados e de sua história inscrita e lhe permite sua contínua releitura.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos. 3ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ARTIGAS, Rosa (organização). Paulo Mendes da Rocha: projetos de 1957-1999. 3ª edição, São Paulo: Editora Cosacnaify, 2006.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lucia Pereira, Campinas: Editora Papyrus, 1994.

BARONE, Ana Claudia Castilho. TEAM X: Arquitetura como Crítica. 1ª edição, São Paulo: Editora Anna Blume: FAPESP, 2002.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira, São Paulo: Editora Perspectiva: Fapesp, 2003.

BRUAND, Yves. “A margem do racionalismo: a corrente orgânica e o brutalismo paulista”, In: Arquitetura contemporânea no Brasil. 1ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, pp. 312-17.

FELICÍSSIMO, Jesuíno Junior. História da Siderurgia de São Paulo, Seus Personagens, Seus Feitos. São Paulo: Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto Geográfico e Geológico – Boletim nº 49, 1969.

FRAMPTON, Kenneth, História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

GREGOTTI, Vittorio. Território da Arquitetura. 3ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

GUTIERRE, Janette. Floresta Nacional de Ipanema: onde a natureza faz história. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente e IBAMA, 2006.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Plano de Manejo da Floresta Nacional de Ipanema. 2003.

JENCKS, Charles, Movimento Moderno em Arquitetura. Lisboa: Editora 10R10 de Janeiro, 1992.

MONTANER, Josep Maria. “Espaço e antiespaço, lugar e não-lugar na arquitetura moderna”, in: A Modernidade Superada. Barcelona. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2001, pp. 26-56.

NORBERG-SCHULZ, Christian. “O fenômeno do Lugar”, in: Nova agenda para arquitetos: antologia teórica 1965 – 1995, organizado por Kate Nesbitt. São Paulo: Editora Cosacnaify, 2006, pp. 443-61.

PIÑÓN, Hélio, Paulo Mendes da Rocha. 1ª edição, São Paulo: Editora Romano Guerra, 2002.

ROSSI, Aldo, O Lócus, In: A Arquitetura da cidade 2ª edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 147-152.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili. 2002.

SOLOT, Denise Chini. Paulo Mendes da Rocha: o êxito da forma. 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora Viana & Mosley, 2004.

SORKIN, Micheal (org). Variations on a Theme Park: The New American City and the End of Public Space. Nova York: Hill and Wang. 1992.

Fazenda Ipanema: um projeto harmoniza o novo e o antigo. CJ Arquitetura. São Paulo, nº19, ano V, p. 69 - 72. 1978

